



GUERRA NO RIO

Ganymédes José

Resenha

Dedo-de-metro, a perereca, conta aos netos uma história. Na feliz cidade de Remanso, no fundo do rio, todos viviam em paz: os peixes, os *enraizados* (as plantas aquáticas) e os *pedrescalenses*, pedras e pedregulhos do bairro de Pedrescal. Um dia, porém, os peixes de Remanso e de outras cidades vizinhas começam a morrer, vítimas de uma estranha intoxicação. Uma missão designada pelo prefeito Barbatana-de-Aço II, e acompanhada pelos corajosos repórteres Foguinho e Espadalex, descobre de onde vem o veneno: do *Monstro Boca Quadrada*, ou seja, da boca de descarga dos detritos de uma fábrica de celulose recém-instalada nas proximidades do rio.

Os habitantes do rio ensaiam uma reação, um combate ao monstro, mas a *Espuma da Morte* é fatal, e esquadrões de peixes bem-intencionados e de *enraizados* são dizimados na hora. Sentindo na pele a força do inimigo, todos resolvem se unir e se organizar melhor. E é um pequeno *pedrescalense* que concebe um plano: um exército de pedregulhos entra pela boca do monstro e à noite invade canos, máquinas, polias, todos os cantinhos e buracinhos da fábrica. Quando de manhã os operários ligam as máquinas, a fábrica vai pelos ares. Toda a população do rio festeja. Mas ninguém sabe até quando ficará a salvo dos maus-tratos do bicho-homem.

Numa época em que o meio ambiente é um dos maiores objetos de preocupação da sociedade, vem bem a propósito essa alegoria que fala do problema sob o ponto de vista de algumas das grandes vítimas da poluição: os habitantes de um rio. Nessa agitada aventura, até as pedras ganham vida e revelam ao pequeno leitor os malefícios de projetos tecnológicos que não levam em consideração a natureza. Além da necessidade de se mobilizar, estudar o problema e enfrentá-lo com coragem, é preciso lembrar-se de que a união faz a força e de que todos, até os seres aparentemente mais insignificantes, têm seu papel a desempenhar.

Isso tudo é mostrado com seriedade, mas também com bom humor, por meio de personagens simpáticas, com nomes divertidos e de situações bem imaginadas.



Coordenação:
Maria José Nóbrega



Depoimento

De Pedro Felicio,
ator e pai

Ao ler o título do livro, meu filho mais velho (que como as outras crianças da idade dele é diariamente bombardeado por publicidade, entretenimento, desenhos, videogames e brinquedos que usam como temática a guerra e o combate) perguntou-me por que os peixes fariam uma guerra. Guerra contra quem? Quem é “o mal”?

A resposta a essas perguntas, que se desenvolveu ao longo da leitura, foi muito impactante. Principalmente por entendermos juntos que “o mal” da história era a própria humanidade, nós mesmos, portanto. A isso somam-se os títulos dos capítulos, recados diretos aos leitores – aos pequenos e aos grandes – como responsáveis também por todas as ações da humanidade, como cidadãos que podem escolher apoiar, ignorar ou se contrapor ao tipo de atitude descrito na história.

Chamaram muitíssimo a atenção das crianças os nomes das personagens. Foram motivo de infindáveis proposições e discussões: a cada novo

nome, nos debruçávamos sobre que tipo de peixe ou planta ou pedregulho seria essa personagem, se dava a impressão de ser gordo, magro, rápido, esperto. A brincadeira de criar nomes e palavras de maneira geral é muito comum aqui em casa, vindo ao encontro da narrativa de forma muito natural e prazerosa. As ilustrações ajudam muito esse tipo de brincadeira. Diversas vezes as crianças puxaram o livro ou pediram para que eu voltasse as páginas para encontrarem personagens novos nas coloridas e vivas ilustrações.

A ideia de guerra ganhou contornos bem mais complexos do que a usual heroização da mídia de massa. A morte de tantos peixes e plantas é muito triste e as crianças sentiram isso silenciosamente, guardando as perguntas e afirmações sobre a morte apenas para alguns dias depois da leitura. Sobre isso, aqui em casa tentamos sempre ter espaço para falar de qualquer assunto, até mesmo dos mais densos. De certa forma, a leitura também nos ajudou a dialogar com as crianças acerca da violência e do terror da guerra. É uma perspectiva dura, mas que, acredito, deve fazer parte da formação do caráter e da maturidade das crianças.

Um pouco sobre o autor

Ganymédes José nasceu em Casa Branca, no interior de São Paulo, em maio de 1936. Formou-se professor em sua cidade, fez Direito na PUC de Campinas e cursou Letras na Faculdade de São José do Rio Pardo. Desde cedo começou a juntar coisas no coração: pedaços do mundo (sua cidade, por exemplo, cabia inteira), gente, muita gente, livros, músicas... “Gosto de paz, silêncio, plantas, animais, amigos, honestidade, escrever, música, alegria, fraternidade, compreensão...”, escreveu certa vez. Quando ainda estava no Ensino Fundamental, surpreendeu a professora ao afirmar que seria escritor. Retornando à sua cidade, depois de formado, o menino escritor deixou de ser menino. E não parou mais de escrever. Datilografava só com três dedos, o que não o impediu de nos deixar mais de 150 obras. É livro para todos os gostos: mistério, humor, histórico, romântico, infantil, juvenil...

Em todos, o mesmo fio condutor, a mesma energia vital: o amor à juventude. Teve obras premiadas pela APCA (1975, Melhor Livro Infantil) e pela Prefeitura de Belo Horizonte (1982, Prêmio Nacional de Literatura Infantil João de Barro). No dia 9 de julho de 1990, quando Ganymédes se preparava para o lançamento

de *Uma luz no fim do túnel* — mais uma grande prova de amor ao jovem —, seu coração, aquele cheio de pessoas e coisas bonitas, parou repentinamente de bater. E tudo quanto ele amava levou embora, dentro do peito. Mas no que acreditava ele deixou em seus livros. Reconfortante é saber que, por meio de sua obra, ele permanecerá cada vez mais vivo.

Leia mais

Do mesmo autor

- ✦ *Amarelinho*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Um girassol na janela*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A ladeira da saudade*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *O segredo do rio*, de Miguel Sousa Tavares. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Amazonas — águas, pássaros, seres e milagres*, de Thiago de Mello. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Cartas do São Francisco: conversas com Rilke à beira do Rio*, de Nilma Gonçalves Lacerda. São Paulo: Global.
- ✦ *O velho, a carranca e o rio*, de Rogério Andrade Barbosa. São Paulo: Melhoramentos.

 MODERNA

